

**INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA AEP - ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE PORTUGAL, JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA DE BARROS, NO SEMINÁRIO «A CONCRETA E AS OPORTUNIDADES PARA AS EMPRESAS PORTUGUESAS NO MERCADO MEXICANO» SOB O TEMA «O MERCADO MEXICANO E A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS PORTUGUESAS», NO CENTRO DE CONGRESSOS DA EXPONOR, NO DIA 19 DE OUTUBRO DE 2011.**

## ECONOMIAS EMERGENTES

OS BRIC, mas não só. O México é uma alternativa!

Referir as economias emergentes, leia-se, com forte potencial de crescimento, leva-nos a pensar nos BRIC, condicionados pela enorme mediatização que tem sido atribuída a estes países, alegados motores da recuperação da economia mundial.

Mas será que todos estes, o Brasil, a Rússia, a Índia e a China, são igualmente interessantes para Portugal, ou outros haverá que, embora de menor dimensão, são igualmente ou até mais importantes à nossa escala, dadas as nossas boas relações e dada a dimensão da economia e, sobretudo, das empresas portuguesas, particularmente das PME's?

Alguns dados que importa reter:

Nos últimos 12 meses para os quais temos dados (até Julho deste ano) as exportações portuguesas ultrapassaram 40 mil milhões de Euros, com um crescimento assinalável de cerca de 16,5% dentro da UE, e de 16,7% para fora da UE!

Como se comportaram as exportações para os BRIC, neste período?

As exportações para o Brasil cresceram mais de 31,4%, registando ainda a segunda maior evolução média no período 2005/2010, de quase 20%, só superada (entre os nossos principais destinos) pelo México, que registou um aumento médio anual de 36,5% neste mesmo período. E nos últimos 12 meses, as exportações para o México continuaram a crescer perto de 36%, pesando já 1,1% do total das nossas exportações.

Nos últimos 12 meses, as exportações para a China aumentaram perto de 24%. Se considerarmos as quatro economias da "Grande China" (incluindo Macau, Hong Kong, Taiwan), temos um crescimento da mesma ordem (com Taiwan a destacar-se com 145%, embora sobre uma base incipiente). O peso no total das nossas exportações para estes quatro destinos é já de 1,1%, ou seja, tanto quanto o México, sozinho!

Para a Índia, as exportações mais do que duplicaram, no mesmo período, embora a partir de uma base bastante reduzida (representa só 0,2% do total das nossas exportações).

As exportações para a Rússia cresceram cerca de 23%, mas representam apenas 0,3% do total. Com efeito, analisando agora os mesmos países pela evolução média do seu PIB (nos últimos 10 anos) e esperada (para o período 2009 a 2015), verificamos que países da América do Sul registam uma evolução passada crescente, de valores de cerca de 3,3 a 3,8%. O México registou em 2010 um crescimento de 5,5% e valores esperados entre os 4 e 5% do para 2011, apesar da crise.

Numa análise da previsível evolução futura dos BRIC, debruçemo-nos sobre a situação de cada um deles:

### **O Brasil:**

PIB em 2010: +7,5%, em 2011: +3,8%.

Brasil exporta essencialmente 16 *commodities*, entre produtos metálicos e agrícolas. É o 1º exportador mundial de *commodities*, (sendo o 2º a Austrália e o 3º os USA). Esta tendência deverá manter-se nos próximos 10 a 20 anos. Dada a sua escassez, os preços das *commodities* tenderão a subir sempre, por oposição aos produtos manufacturados, cuja globalização da produção tenderá a pressionar em baixa.

É assim expectável que o Produto Interno Bruto brasileiro mantenha uma tendência de crescimento nos próximos 10 anos, de 4,5 a 5% ao ano!

A população actual é de mais de 201 milhões de habitantes. Demografia crescente, deverá manter esta tendência até 2034, estimando-se nessa data uma população de 220 Milhões de habitantes! O PIB *per capita*, em *ppp*, é já de 10.900 US\$ por habitante, o segundo mais elevado entre os BRIC. Com um PIB total de 2.200 milhões de dólares, é já a 8ª potência económica mundial. Mas o Brasil será, dentro de poucos anos, a 5ª potência económica mundial!

Mas, as elevadas e diferentes taxas, nacionais, federais, estaduais, etc., e muitas outras barreiras oneram gravemente as importações de produtos manufacturados. Será que ainda se justifica a concessão ao Brasil de preferências unilaterais, sem reciprocidade, reservadas aos países em desenvolvimento?

### **A Rússia:**

A Rússia registou uma evolução média de crescimento do PIB nos últimos dez anos de 5,4%, que deverá agora abrandar, nos próximos cinco anos, para pouco mais de 4%.

Não se conhecendo estatísticas exactas sobre a evolução da população, estimada em cerca de 140 milhões de habitantes, a taxa de natalidade é bastante baixa, mesmo negativa em cerca de 0,5%, o que a coloca numa das piores posições do ranking mundial (222º). A taxa de nascimentos foi, em 2010, de apenas 11 por mil habitantes, colocando-a no 175º lugar.

Sendo a sétima maior economia mundial, o PIB total, em paridades de poder de compra, foi de 2.229 milhões de US\$ e o PIB per capita, em ppp, é de apenas 15.900 US\$, sendo o 88º no ranking mundial. O PIB terá crescido apenas 3,8% em 2010, depois de uma quebra de 7,9% em 2009 e de um aumento de 5,2% em 2008. O consumo de petróleo nos últimos três anos praticamente estagnou, sendo os valores registados em 2009 ainda ligeiramente abaixo de 2006, e abaixo dos 3 milhões de barris por dia.

A dimensão do mercado interno, a extensão geográfica do território, a baixa taxa de natalidade e o baixo poder de compra, para além da sua distribuição muito irregular, não garantem um consumo interno crescente e sustentável.

O país defronta-se ainda com situações de opacidade dos mercados e de elevada corrupção, não sendo favorável à penetração das PME's sem o apoio de um parceiro local de confiança.

#### **A Índia:**

A Índia registou uma evolução média de crescimento do PIB nos últimos dez anos de 6,8%, e espera-se que continue a crescer, nos próximos cinco anos, acima dos 8% (8,4% segundo as estimativas do FMI).

A sua população é a segunda maior do mundo, cerca de 1.173 milhões de habitantes, a taxa de natalidade é elevada, cerca de 1,4%, o que a coloca em boa posição no ranking mundial.

A taxa de nascimentos foi, em 2010, de quase 22 novos nascimentos por mil habitantes, praticamente o dobro do valor registado na Rússia e na China.

É a quinta maior economia mundial, em paridades de poder de compra, com um PIB total de mais de 4 mil milhões de dólares, mas o PIB per capita, em ppp, é de apenas 3.400 US\$, ocupando a 163ª posição no ranking mundial.

Apesar da sua elevada população, o poder de compra é ainda muito baixo, o que, aliado à sua enorme extensão geográfica e às dificuldades culturais, sociais e religiosas que apresenta, pode justificar o reduzido peso no total das exportações portuguesas (0,2%), apesar do forte crescimento verificado, mais de 111% nos últimos 12 meses!

#### **A China:**

A China registou uma evolução média de crescimento do PIB nos últimos dez anos de 10,3%, o valor mais alto a nível global, que deverá agora abrandar, nos próximos cinco anos, para cerca de 9,7%, continuando a ser o mais elevado, a nível mundial.

A sua população é ainda a maior do mundo, mais de 1,33 mil milhões de habitantes, mas a taxa de natalidade é bastante baixa, de apenas cerca de 0,5%, o que a coloca numa das mais baixas posições do ranking mundial (153º). A taxa de nascimentos foi, em 2010, de apenas 12,2 por mil habitantes, colocando-a no 164º lugar, neste indicador.

Sendo a terceira maior economia mundial, em paridades de poder de compra, o seu PIB é de cerca de 9,9 mil milhões de dólares, e o PIB per capita, em ppp, é de apenas 7.400 US\$, mas é cerca do dobro do da Índia, sendo o 127º no ranking mundial. O PIB terá crescido 10,3% em 2010, depois de 9,1% em 2009 e de 9,0% em 2008.

A China, ao contrário do Brasil, é um dos maiores consumidores e importadores de *commodities*, tendo o seu forte desenvolvimento provocado pressão crescente nos preços destas, do petróleo ao algodão, e aos principais metais, com consequências gravosas para os produtores nacionais.

Concluindo:

As taxas de crescimento esperadas para países da América do Sul são de 7,5% para a Argentina, cerca de 5% para o México, ou para o Chile, 4,4% para a Colômbia e 5,1% para o Panamá.

Ora o México é já a segunda maior economia da América Latina, e a 14ª no ranking mundial.

O México é, também, o 15º maior exportador mundial, com 1,8% do total das exportações mundiais, e o 16º maior importador, com 1,9%, quase 2%, do total das importações mundiais. E aqui Portugal, com 1,1% do total das suas exportações para o México, compara já bem com a Itália, com 1,3% ou com o Brasil, com 1,4%.

O México regista, em 2010, um PIB per capita de 13.900 US\$, valor que compara com o da Rússia, acima do Brasil e muito acima da Índia ou da China.

Com estes indicadores, aliados ao seu elevado número de habitantes, mais de 113 milhões, com uma demografia positiva, taxa de 1,102%, 105ª posição no ranking mundial, acima da Rússia, da China e idêntica à do Brasil, com uma população jovem, cerca de 30% até aos 15 anos e só 6,5% acima dos 65 anos, coloca-se numa situação de desenvolvimento rápido e sustentável, com dimensão e escala muito adequadas às empresas portuguesas.

O conhecimento da sua língua, da sua cultura e até da religião, usos e costumes, completam este cenário favorável, apoiado ainda pela diáspora eventualmente presente.

Sou, assim, levado a concluir que o México é uma das economias mais promissoras do futuro, onde poderemos chegar, vender, investir e ficar mais facilmente.

E não haverá pontos fracos?

Não obstante o grande interesse de que o mercado se reveste, existem duas situações que poderão condicionar o desenvolvimento das exportações portuguesas para o México:

- Desvalorização do dólar face ao euro, que veio encarecer os produtos portugueses relativamente a outros provenientes de países da área do dólar (China, Brasil, EUA), não esquecendo que os EUA são o maior parceiro comercial do México, até pela enorme extensão da sua fronteira comum;

- Reduzida presença das empresas portuguesas no mercado. Este não será um mercado para todas as empresas, em primeiro lugar pela sua dimensão e distância, e depois pela dificuldade logística com que se podem deparar. O México conta com pólos industriais e de consumo em diferentes pontos (Monterrey, Guadalajara, León, Puebla, entre outros), pelo que é complicado fazer a gestão da distribuição nacional a partir do estrangeiro.

No que concerne ao investimento de Portugal no México, existem também algumas questões a ter em conta, nomeadamente:

- Falta de trabalhadores qualificados (por exemplo, a nível técnico);
- A dimensão do mercado, que poderá implicar investimentos de vulto;
- Poucas instituições financeiras portuguesas presentes no mercado.

Tudo isto não deverá desmotivar-nos.

E hoje estamos aqui para aprender a conhecer melhor este país, este mercado, e para levantarmos as questões que entendermos e procurarmos as respostas adequadas, contando com o apoio e as experiências de empresas portuguesas que já lá estão, e da diplomacia económica do México, do Ministro Javier Olavarria, que saúdo, e de Portugal, do meu Estimado Amigo Eng.º Vital Morgado, da AICEP, com vista a uma nossa maior participação no mesmo.

E, *last but not the least*, a presença do meu Querido Colega e Amigo Eng. José Miguel Gomes da Costa, a quem muito agradeço a presença e colaboração neste seminário, que nos poderá dar uma ajuda preciosa noutra importante área, a dos seguros de crédito, que tão bem conhece e dirige há muitos anos!

Muito obrigado!